



VIVENCIAMOS O FIM DA SOCIEDADE DO TRABALHO?

CARVALHO, CICEFRAN SOUZA DE¹

OLIVEIRA, LAENE AUGUSTO DE²

RESUMO

A compreensão do que vem a ser a sociedade do trabalho e qual ciência tem a incumbência de nos dar as respostas necessárias a assuntos ligados à nossa sociedade, sejam eles antigos ou contemporâneos faz-se necessário para não se incorrer no erro de estarmos tecendo comentários acerca de assuntos que pouco ou nenhum conhecimento possuímos. A Sociologia, um dos vários ramos ligados às Ciências Sociais, é área do conhecimento que irá contribuir com as respostas às nossas dúvidas sobre o fim, ou não, da sociedade do trabalho. A Sociologia como ciência se encontra dividida em grandiosas áreas que possuem semelhança em seus princípios, porém muito diferentes quanto o objeto de estudo. A análise da vida em sociedade e as suas relações sociais é feita por um ramo particular da Sociologia, denominada Sociologia do Trabalho que se volta para a organização e compreensão da evolução do mundo do trabalho, as suas relações e implicações sociais. O mundo passa por diversas transformações sociais em virtude de fatores diversos que assolam muitas sociedades, independentes da sua localização no globo terrestre. As preocupações com o estudo da sociedade em geral não são recentes, há muito Marx, Weber, Durkheim, etc. vêm dando contribuições significativas para que possamos ter entendimento do que vem a ser a Sociologia e o que esta estuda. O mundo do trabalho vem se transformando gradativamente e estudiosos como Max Weber e Karl Marx voltaram os seus olhos para nos esclarecer de um modo mais específico o que vem a ser trabalho, as relações existentes com modos de produção e as modificações do seu conceito. As relações sociais em sua vastidão de temas vêm sofrendo modificações seculares pelo próprio rejuvenescimento da sociedade, onde as características inerentes de um grupo em uma determinada época, mesmo que passada de geração para geração, são modificadas e adaptadas aos novos tempos e a relação da sociedade com o trabalho não é diferente. A sociedade do trabalho sofre transformações gradativas no Brasil em virtude dos avanços tecnológicos, dos programas de transferências de rendas e da falta de mão de obra especializada.

Palavras Chaves: Sociologia; Sociologia do Trabalho, Sociedade e Trabalho.

¹ Professor Universitário do Departamento de Matemática da Universidade Regional do Cariri – URCA; Especialista em Educação Matemática pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Especialista em Gestão Escolar e em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestrando em Educação pela Anne Sullivan University; E-mail: cicefran@bol.com.br

² Professora Efetiva da Rede Estadual de Ensino do Ceará. Graduada e Pós-Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA).



ABSTRACT

The understanding of what has to be the work society and what science has the task of giving us the necessary answers to issues related to our society, whether ancient or contemporary it is necessary not to make the mistake we are commenting about issues that we have little or no knowledge. Sociology, one of several fields related to Social Sciences, is an area of knowledge that will help with the answers to our questions about the end, or not, of the work society. Sociology as science is divided into grandiose areas that have similarity in their principles, but very different as the object of study. The analysis of society and its social relations is made by a particular branch of sociology called Sociology of Work that back to the organization and understanding of the evolution of the world of work, their relationships and social implications. The world goes through various social transformations due to several factors plaguing many societies, independent of their location on the globe. Concerns about the study of society in general are not new, long Marx, Weber, Durkheim, etc. They are giving significant contributions so we can have understanding of what is being sociology and what it studies. The world of work has been gradually transforming and scholars such as Max Weber and Karl Marx turned his eyes to clarify in a more specific way what comes to work, the relationships with modes of production and the modification of its concept. Social relations in its vastness themes are suffering secular changes by own rejuvenation of society, where the inherent characteristics of a group at a certain time, even if passed from generation to generation, are modified and adapted to new times and the relationship of society the work is no different. The company's work suffers gradual transformations in Brazil because of technological advances, the income transfer programs and the lack of skilled labor.

Key words: Sociology; Sociology of Work, Society and Labour.

1. HISTÓRIA E TRABALHO

O trabalho, na sua forma clássica de atividade de subsistência do homem, tem suas origens no surgimento dos seres humanos na terra. Para que este pudesse sobreviver às intempéries do planeta foi obrigado a desenvolver meios para a sua subsistência, criando ferramentas com a matéria prima que existia em abundância no planeta, a pedra, para que servisse de apoio nas caçadas a animais para garantir a sua alimentação nos período em que eram nômades. Em um outro momento da história quando resolveram fixar-se em um local, houve a necessidade de desenvolver ferramenta para trabalhar na terra, originando-se daí uma das primeiras profissões do mundo, a de agricultor.



Os meios de produção que o homem desenvolveu no seu percurso histórico pode ser dividida em cinco grandes regimes: primitivo, escravo, feudal, capitalista e comunista, onde a partir das características econômicas, políticas e culturais pode-se perceber as transformações do trabalho ao longo de seu percurso histórico.

1.1. O REGIME DE TRABALHO PRIMITIVO

Surgiu através das sociedades primitivas com a criação das primeiras ferramentas construídas de pedras e outros materiais retirados da natureza para que este pudesse utilizá-los na caça de animais ou para trabalhar na terra e satisfazer as suas necessidades básicas do dia a dia. Apesar de não haver a relação clássica empregados e patrões, o regime de trabalho primitivo foi o primeiro modo de produção que se tem conhecimento em virtude da necessidade que estes tiveram de produzir meios para garantir a sua existência e de seu grupo.

Como não existiam relações trabalhistas nesse período e as atividades exercidas pelos seres humanos era apenas para garantir a sua subsistência, essa etapa é considerada um momento de igualdade onde todos os membros de uma determinada sociedade só produzia o necessário para garantir a sua existência.

Um novo período surge quando o homem começa a perceber a necessidade de plantar em grande quantidade e de estocar os frutos desse plantio para garantir por um longo período de tempo a sua subsistência e de sua família. A partir desse novo momento o sistema primitivo começa a ruir e a desaparecer gradativamente com o surgimento de riquezas entre determinados membros de uma sociedade, novas formas de interação social e a hierarquia, onde aquele que possui mais posses é considerado superior em relação àquele que pouco ou nada tem.

1.2. O REGIME DE TRABALHO ESCRAVO

Com o desaparecimento do sistema primitivo e o com o surgimento de camadas populacionais mais “abastadas” em relação a outras parcelas da população passa a existir



novas relações sociais e como consequência formas novas de trabalho, nascendo daí as relações de poder onde os mais ricos eram considerados superiores em relação aos mais pobres, por conta das suas posses, que eram considerados escravos destes.

Os senhores dos escravos, como eram consideradas as pessoas mais ricas, mandavam e desmandavam nos escravos que faziam todo o tipo de serviço, independente do que fosse, para o seu senhor.

O regime de trabalho escravagista durou até a queda do império romano no ocidente, deixando gradativamente de existir no ocidente europeu, não sendo mais viável economicamente e socialmente.

1.3.O REGIME DE TRABALHO FEUDAL

Com a queda do império romano no ocidente a escravidão veio a perder espaço, surgindo outros grupos que vieram a controlar a ordem econômica e social nesse período.

Com o aparecimento e consequente progresso de grupos nômades na Europa medieval, a igreja, representada pelo seu clero, surge como poder emergente e controlador da ordem social, que tem como principais representantes os camponeses que vieram em substituição a classe escrava.

Os camponeses ou servos estavam diretamente vinculados aos senhores feudais³, que tinham a função de cuidar das terras do senhor feudal e em troca recebiam todo o tipo de proteção, surgindo dessa troca de favores recíprocos o feudalismo.

Existia na sociedade feudal uma divisão de funções hierárquicas extremamente bem definidas: Os servos eram os pilares bases dessa sociedade, pois estes faziam todo o tipo de trabalhos braçal; a igreja era responsável por difundir os preceitos espirituais e intelectuais para esta sociedade e os senhores feudais tinham por função a governabilidade e a proteção a todos as outras classes.

³ Os senhores feudais eram nobres que viveram na época da Idade Média (século V ao XV). Possuíam muito poder político, militar e econômico. Eram proprietários dos feudos (unidades territoriais) e possuíam muitos servos trabalhando para ele. Cobravam vários impostos e taxas destes servos, pela utilização das terras do feudo. Viviam em castelos fortificados e eram protegidos por cavaleiros. Os senhores feudais faziam e aplicavam as leis em seus domínios.



O Feudalismo era um sistema totalmente agrário e a classe menos favorecida que era a dos servos, que eram agricultores por natureza e faziam as suas plantações nas terras dos senhores feudais, entregavam grande parte das suas colheitas a estes para continuarem tendo a sua proteção e o direito do permanecerem trabalhando nas propriedades destes.

A sociedade feudal teve o seu declínio com o surgimento do capitalismo, originado com a ida dos nobres às cruzadas no oriente, trazendo mercadorias e colocando-as para serem vendidas próximas às suas residências.

1.4. O REGIME DE TRABALHO CAPITALISTA

O sistema de trabalho capitalista é o que mais possui formas de gerar trabalho para as pessoas. Este sistema começou a ser explorado no final do século XV, inicialmente através de trocas comerciais de mercadorias trazidas do oriente para o ocidente.

As mercadorias oriundas do comércio entre oriente e ocidente geralmente eram expostas em pequenas bancas ou tendas em torno das residências⁴ da nobreza onde estas eram comercializadas.

Com o tempo a comercialização de produtos e serviços foi aumentando e como consequência de tal fato ocorreu o surgimento de novos tipos de mercadorias a serem comercializadas bem como a venda de serviços, surgindo dessa forma as cidades em torno dos burgos, dando início ao que chamamos de mercantilismo ou de capitalismo mercantil.

A fomentação do novo sistema necessitava culmina com o surgimento de novas formas de trabalho e de bancos, dando origem a uma nova classe: a burguesia.

Com o surgimento do capitalismo mercantil houve necessidade de se trazer mercadorias do oriente para o ocidente, contudo as guerras constantes naquela região impediam de se fazer o percurso por terra, então foi imperativo a busca de novas rotas através do mar, surgindo com grande ênfase a fase do transporte marítimo, que teve os portugueses como pioneiros.

⁴ Burgos: castelo, forte ou mosteiro e suas cercanias, de onde se originaram diversas cidades.



O sistema de trabalho feudal estabeleceu classes sociais, denominadas de estamentos⁵ sociais, que, com o surgimento do regime capitalista, não funcionavam mais, haja vista que, além da nobreza e do clero, surgiram os burgueses, os comerciantes, banqueiros e tantas outras profissões.

O capitalismo teve sua segunda fase iniciada com o progresso da atividade industrial na Inglaterra, onde os trabalhadores rurais migraram para a cidade em busca de uma melhor qualidade de vida, porém os salários pagos a estes eram muito baixos.

Com o avanço das pequenas manufaturas transformando-se em grandes indústrias as forças de trabalho começaram a distinguirem-se uma das outras, aparecendo a figura do patrão e do empregado, onde o primeiro ganhava muito e pagava pouco ao segundo.

O trabalho no campo já não era mais o mesmo, pois com o surgimento de novas técnicas de cultivar a terra fazem com que as pequenas culturas sejam transformadas em plantios de larga escala, aumentando significativamente a produtividade de alimentos, surgindo nesse momento um novo tipo de trabalhador, o braçal.

O trabalho capitalista e as suas várias formas de exploração produzem críticas de muitos estudiosos do tema como Karl Marx; que considera que este regime produz indivíduos pobres e ignorantes que tem como principal fonte de renda a venda do seu trabalho para o patrão⁶ figura rica, detentora de poderes e grande influência política à custa do trabalho braçal de seus empregados, que procura deteriorar a força da igreja com o intuito de se tornar cada vez mais poderosos.

A independência dos Estados Unidos, de outros estados e o avanço da tecnologia fazem com que haja uma grande modificação nos processos de trabalho, com o surgimento de várias outras categorias de trabalhadores, tendo como consequência desse aparecimento uma maior conscientização por parte destes, que são a grande maioria, enxergando de forma clara o seu papel no mundo do trabalho e na política em face da exploração advinda da classe burguesa.

⁵ Forma de estratificação social com camadas mais fechadas do que classes sociais, e mais abertas do que as castas.

⁶ Grandes comerciários, industriais e latifundiários.



As ideias de Karl Marx pregam uma sociedade mais justa e partindo desse pressuposto surgiu na Rússia o Manifesto Comunista que foi a primeira revolução trabalhista que se tem conhecimento, denominada de revolução Russa.

Com o século XX, surgiu o capitalismo financeiro, última fase do sistema capitalista. O capitalismo financeiro consistiu com o surgimento de empresas multinacionais e bancos que vieram a sustentar o sistema vigente, fornecendo crédito de consumo culminando com o ciclo de consumo que entrou em crise com a quebra de inúmeros bancos nos Estados Unidos em virtude da falta de liquidez dos empréstimos imobiliários, posteriormente denominados bolha imobiliária⁷. O dinheiro recebido do empréstimo hipotecário era aplicado no mercado de ações com o intuito de receber juros maiores que os pagos às empresas de hipoteca, ficando, assim, com um patrimônio maior em ações que o valor pago nas prestações da hipoteca.

Contudo, houve uma grande desvalorização imobiliária e a queda dessas ações, que tinham como grandes detentores a mesma classe média que pediram empréstimos e deram como garantia as suas casas. Como consequência dessa desvalorização, as pessoas que pediram empréstimos dando seus imóveis como garantia não conseguiram mais pagar as prestações levando as empresas de hipoteca⁸ a terem prejuízos.

Assim, as ações compradas pela classe média foram com os recursos desses investidores, ou seja, um mesmo capital que deveria servir, tanto ao mercado imobiliário quanto ao mobiliário.

Para diminuir o prejuízo, os investidores venderam suas ações de variadas empresas, causando uma maior oferta em relação à procura, fazendo com que a cotação de muitas ações caíssem, sendo este o ponto principal para causar um forte efeito dominó, com a queda de ações, fazendo com que vários outros acionistas⁹ também comessem a vender suas ações para fugir da desvalorização, aumentando cada vez mais a oferta em relação à procura, gerando quedas e mais quedas quase sem freios.

⁷ Hipoteca de suas próprias casas a juros não tão altos.

⁸ Empresas que servem como intermediadoras entre investidores, que alimentam os fundos de hipoteca, e as pessoas, que consomem o serviço; já que os clientes não pagam, os investidores não recebem

⁹ Que nada têm a ver com o mercado de imóveis ou hipoteca



1.5. REGIME DE TRABALHO SOCIALISTA COMUNISTA

A União Soviética¹⁰, constituída oficialmente em 1922, foi a grande representante do comunismo no mundo. A Rússia, no início do século XX, ainda era um país feudal, atrasado economicamente e com um sistema de governo monárquico, porém com um grande potencial econômico.

A construção da estrada que ligava Moscou, então capital da Rússia, a São Petersburgo levou esse país a se industrializar muito rapidamente, contudo não possuía estrutura física e tecnológica para tolerar tal transformação, continuando seus habitantes na mesma situação de outrora, a de extrema pobreza.

A revolução Russa em 1905, foi o primeiro grande ato de insatisfação da população com o regime monárquico capitalista, culminando com a grande revolução Russa em 1917, que teve à frente os Bolcheviques, defensores ferrenhos de mudanças através de ações revolucionárias; que depôs e condenou o Czar Nicolau II à morte.

A União Soviética teve Lênin como o seu maior líder, pois este foi o responsável por dirigir a classe trabalhadora na revolução, estruturou a política e a economia do país recém instituído. Com a morte de Lênin, assume o comando URSS¹¹ Josef Stalin que a governou de forma ditatorial até a sua morte em 1953.

Nos governos de Lênin e Stalin a União Soviética teve imenso crescimento financeiro e industrial, sem se abalar com a grande crise de 1929, em virtude de ser um país solidificado no comunismo.

As bases do comunismo partiram das doutrinas de Karl Marx e Friedrich Engels, que, teoricamente, é perfeito, contudo na prática não foi o que se viu. De acordo com as ideias de Marx, os trabalhadores, denominados por ele de proletariado, poderia derrubar o capitalismo

¹⁰ Formada pela Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Transcaucásia, Estônia, Lituânia, Letônia, Moldávia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguizão e Tadjiquistão.

¹¹ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



opressor e instalar o regime socialista igualitária através da revolução, tornando-se a nova classe de governantes.

Segundo Marx, a propriedade, nesse sistema, após um primeiro regime ditatorial com o intuito de acabar com qualquer oposição ao no regime, seria um bem em comum de todas as pessoas que nela quisessem trabalhar e após estabelecidas todas as bases não seria mais necessário um governo, pois a população trabalharia em prol da produção de riquezas conforme sua vontade e capacidade e os seus fruto seriam divididos com todos.

Com a implantação do comunismo o estado deixaria de intervir na vida econômica dos cidadãos, onde as coisas aconteceriam de forma natural conforme o sistema fosse evoluindo. Contudo, o sistema gerou grandes desigualdades e grandes atrasos, em virtude de excessos e péssimas remunerações, onde os ricos continuavam ricos e os pobres continuavam pobres. Porém, durante a segunda metade do século XX, o regime socialista competiu igualitariamente com capitalismo até o seu fim com a queda do muro de Berlin e consequentemente da União Soviética.

2. A SOCIEDADE DO TRABALHO, A TECNOLOGIA E OS PROGRAMAS SOCIAIS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA.

O capitalismo, sistema vigente no mundo contemporâneo, desde a sua concepção, desenvolve características próprias e dentre elas está à pobreza. As grandes cidades concentram mais da metade da população brasileira que, juntamente com a reestruturação da indústria, através da inserção de meios de produção automatizados e a pouca escolaridade de uma grande parcela da população vem gerando uma grande desigualdade social.

As transformações ocorridas na economia dos diversos países do globo terrestre advindas da necessidade de redesenhar as formas de atuação do capitalismo tiveram reflexos diretos na vida da população mundial.

Os avanços tecnológicos incorporados aos sistemas produtivos também foi outro fator que veio a alterar a produção industrial de países desenvolvidos e principalmente daqueles subdesenvolvidos que têm como principal meta o seu crescimento econômico e a melhoria de



vida de sua população. A incorporação da tecnologia na indústria e na agricultura têm melhorado a capacidade produtiva do Brasil, contudo esse aumento de produção possui um alto preço a ser pago, que é a diminuição do número de trabalhadores nas fábricas e no campo em face da automatização das linhas de produção.

A falta de capacitação e a pouca ou quase nenhuma escolarização dos trabalhadores brasileiros é outro agravante que faz com que haja diminuição nas linhas de produção industrial, na agricultura e na pecuária, onde esses trabalhadores são excluídos do mercado formal de trabalho, incorporando as fileiras de pessoas desempregadas e os trabalhadores do campo e de pequenas cidades migram para os grandes centros em busca de uma melhor qualidade de vida, porém, na prática não é isso que se vê.

2.1. TRANSFERÊNCIA DE RENDA: VÍCIO OU NECESSIDADE?

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016),

A taxa de desocupação no trimestre móvel encerrado em outubro de 2015 foi estimada em 9,0% para o Brasil, ficando acima da taxa do mesmo trimestre do ano anterior (6,6%) e superando, também, a do trimestre móvel encerrado em julho de 2015 (8,6%). A população desocupada (9,1 milhões de pessoas) cresceu 5,3% (mais 455 mil pessoas) em relação ao trimestre de maio a julho e subiu 38,3% (mais 2,5 milhões de pessoas) no confronto com igual trimestre de 2014. Já a população ocupada (92,3 milhões de pessoas) ficou estável em ambas as comparações.

Quando se fala em população desocupada estão inseridos todos os brasileiros com idade igual ou superior a 14 (quatorze) anos, haja vista que no Brasil em virtude da pouca fiscalização se inserem no mercado de trabalho, sem o amparo da condição de aprendiz, jovens com idades inferiores a idade mínima estabelecida em lei para o trabalho remunerado, recebendo valores mensais muito inferiores ao salário mínimo vigente.

O IBGE (2016) define ocupação e desocupação como:

Considerou-se como trabalho em atividade econômica o exercício de:

- a) Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, etc.) na produção de bens e serviços.
- b) Ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, etc.) no serviço doméstico.



- c) Ocupação sem remuneração na produção de bens e serviços, desenvolvida durante pelo menos uma hora na semana:
 - em ajuda a membro da unidade domiciliar que tivesse trabalho como: empregado na produção de bens primários (que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal ou mineral, caça, pesca e piscicultura), conta própria ou empregador;
 - em ajuda a instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo; ou
 - como aprendiz ou estagiário.
- d) Ocupação desenvolvida, durante pelo menos uma hora na semana:
 - na produção de bens, do ramo que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura, destinados à própria alimentação de pelo menos um membro da unidade domiciliar; ou
 - na construção de edificações, estradas privadas, poços e outras benfeitorias (exceto as obras destinadas unicamente à reforma) para o próprio uso de pelo menos um membro da unidade domiciliar.

Portanto, no conceito de trabalho caracterizam-se as condições de:

 - trabalho remunerado (itens a e b);
 - trabalho não-remunerado (item c); e
 - trabalho na produção para o próprio consumo ou na construção para o próprio uso (item d).

Dentre esses mais de nove milhões de brasileiros desocupados, o próprio IBGE estima que mais da metade esteja inserida em algum programa de transferência de renda do governo federal e não conseguem se inserir no mercado de trabalho em virtude de fatores diversos que vão desde a falta de escolarização até o comodismo de estarem recebendo benefícios sociais sem necessitar trabalhar.

Conforme dados do IBGE (2016), a população que possui algum tipo de ocupação, conforme definições aqui citadas somam 92,3 milhões, com rendimentos mensais médios de R\$ 1.895,00 (mil oitocentos e noventa e cinco reais), onde pelo menos trinta milhões são membros de famílias que recebem recursos do Programa Bolsa Família, complementando o valor médio recebido mensalmente por todos os membros da família.

Os programas de transferência de renda no Brasil, tomando com base o Programa Bolsa Família, estão inseridos na vida do brasileiro tanto como uma necessidade, como um vício; pois quem recebe não quer deixar de receber e quem não tem nenhuma fonte de renda precisa desses recursos para poder se manter e torna-se um círculo vicioso pois muitos destes beneficiários são pessoas que possuem pouquíssima escolaridade ou não possuem nenhuma, não têm experiência profissional e nem muito menos sabem operar recursos tecnológicos,



ficando escravos desse benefício social em estado de pobreza extrema, apesar do grande crescimento econômico que o país apresentou nos últimos doze anos.

A acomodação de receber tais benefícios faz com que muitas dessas pessoas permaneçam na sua zona de conforto sem serem provocados a sair desta haja vista que é muito cômodo ter recursos financeiros mínimos recebidos em forma de doação sem a necessidade de uma contrapartida direta através do trabalho.

Esses programas sociais deveriam possuir regras mais concretas para o seu recebimento de forma a capacitá-los para inserção no mercado de trabalho, haja vista que da forma que estão inseridos no cotidiano apenas viciam os indivíduos a ficarem recebendo esses benefícios cotidianamente sem capacitá-los. Nesse contexto a sociedade do trabalho deixa de existir, pois não existe uma relação entre empregado e empregador.

2.2. A RELAÇÃO TECNOLOGIA X TRABALHO

As relações entre ser humano e trabalho vem mudando gradativamente com a inserção dos avanços tecnológicos em todas as atividades do setor produtivo, haja vista que as máquinas vem substituindo a mão de obra humana.

Com a globalização e a necessidade urgente do aumento da produção em larga escala em face do crescimento desordenado da população mundial, da melhoria econômica de países subdesenvolvidos a implantação de sistemas automatizados nos diversos setores produtivos, milhares de operários que lidavam com a fabricação de determinado produtos foram substituídos por sistemas automatizados que necessitam de poucas pessoas para operá-los.

Outro fator que influencia na relação tecnologia e trabalho é o nível de escolaridade dos indivíduos em idade produtiva. Verifica-se que as relações de trabalho estão atreladas à economia de um país e quanto melhor está a economia, melhor está a qualidade de vida da sua população; contudo as exigências do mercado de trabalho aumentam gradativamente, onde quanto maior o nível de escolaridade e a capacitação pessoal para a operação de determinados equipamentos classificam quem fica e quem pode sair em uma eventual crise financeira.



A tecnologia e os recursos tecnológicos vieram para melhorar a vida dos seres humanos, seja na vida doméstica, fosse na vida profissional, contudo o seu advento, somada às crises econômicas, falta de escolarização e de capacitação dos indivíduos para operarem essas novas ferramentas tem feito com que haja aumento do números de desempregados.

Quanto maior a escolaridade e a capacitação tecnológica mais fácil será a inserção no mercado do trabalho, pois nos dias atuais é perceptível, no Brasil, que aqueles que não estão no mercado de trabalho formal, estão no mercado informal ou são beneficiários de programas sociais pelos motivos aqui mencionados: nenhuma ou pouca escolarização, falta de capacitação tecnológica ou falta de experiência profissional.

O certo é que a relação trabalho e tecnologia muitas vezes não é tão amistosa e tem características próprias que alteram de forma significativa o que chamamos sociedade do trabalho e esta nunca vai ter fim, contudo haverá sempre mutações nessa sociedade em face das mudanças que ocorrem no mundo de tempos em tempos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tipos de trabalho nos dias de hoje são muito diversificados e as formas com as quais ele passou a existir produziram aprendizados e à medida que o tempo avançava, diversas melhorias tecnológicas foram sendo inseridas nos diversos tipos de setores produtivos, necessitando, dos indivíduos que neles faziam profissão, da adaptação necessária para dar continuidade com a tecnologia inserida.

Voltando no tempo, podemos verificar que a partir do escravismo antigo, caminhando até o artesanato, indo até a servidão e, entre tantas outras formas de trabalho, até chegarmos ao trabalho industrial na modernidade contemporânea inúmeras transformações foram inseridas no mundo do trabalho, tendo consequências diretas à vida em sociedade, na sua organização e dos sujeitos e as relações existentes entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho.



As novas tecnologias impulsionaram o mundo do trabalho e as novas formas de organização do trabalho impactaram sistema produtivo ao se mostrar seletiva, excludente e exigente, alavancando diversas profissões e deixando outras obsoletas.

O mundo do trabalho se encontra ainda em um processo contínuo de transformação, pois à medida cada vez mais se exige uma melhor qualificação da mão de obra, buscando dessa forma a melhoria dos serviços oferecidos.

A revolução industrial e o capitalismo transformaram o mundo do trabalho, alterando diversas de suas características originais que vão desde às modificações na forma de viver das pessoas até a destruição de costume e instituições, bem como a necessidade de automatizar cada vez mais os diversos setores dessa sociedade, buscando o aumento da produção, a diminuição das perdas e reduzindo gastos com funcionários.

No mundo contemporâneo a sociedade do trabalho tem enfrentado buscas alterações, principalmente em países em desenvolvimento, haja vista da necessidade de cada vez mais de mão de obra especializada e grau de instrução cada vez mais avançado. Os indivíduos que não se encaixam em tais características sobrevivem à margem dessa sociedade através de trabalhos não formais, de bicos ou são beneficiários de programas sociais viciantes que em momento algum ajudam as pessoas a saírem do estado em que se encontram porque não obrigam esses indivíduos a buscarem uma capacitação para se inserirem no mercado de trabalho.

Ainda não vivenciamos o fim da sociedade do trabalho e talvez não venhamos nunca a vivenciar, pois tal sociedade vem se adaptando de tempos em tempos às modificações impostas a ela por diversos fatores que a obrigam a viver em constante mudança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Disponível em <
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm> Acesso em 02 de janeiro de 2016.



FERREIRA, B. A **História do Trabalho**. Disponível em <http://historiabruno.blogspot.com.br/2013/04/a-historia-do-trabalho.html>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

RODRIGUES, L. de O. **As relações de trabalho e a sociedade**. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-trabalho-futuro.htm>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.